

Escrita em 1993, esta peça permanece inédita enquanto dezenas de outros textos meus foram encenados. O fato não me surpreende, pois, em sua maioria, minhas peças foram concebidas e desenvolvidas para projetos de produção predefinidos, o que as caracteriza menos como trabalhos de criação e mais como aplicações de linguagem.

O fato de nunca ter sido levada à cena talvez se deva ao seu estilo *démodé*, fora do contexto atual, intencionalmente anacrônico, que, pelo enredo, reporta aos melodramas folhetinescos característicos do repertório dos circos-teatro brasileiros da primeira metade do século XX e, pelos diálogos em versos metrificados e rimados – cuja métrica varia para se ajustar ao clima dramático de cada cena – a escolas mais antigas, talvez aos autos sacramentais da época de Gil Vicente e Calderón de la Barca.

Madalena Arrependida é um exercício de linguagem feito após um período de estudos dos melodramas circenses, tardiamente inspirados em formulações mais antigas. Minha proposta foi explorar os estereótipos para, pelo exagero, alcançar novos significados. Nesse contexto, o uso de formas arcaicas de linguagem é intencional, com o objetivo de imprimir maior autenticidade e colorido ao texto.

Gosto de situá-la num espaço intermediário entre dramaturgia e poesia, uma forma de *teatro para ser lido*, como costumavam fazer os autores ingleses nos idos de 1800 e 1900. Espero que, terminada a leitura, o leitor concorde comigo.

Também gosto de imaginar *Madalena Arrependida* numa versão musical totalmente cantada, com imitação operística, uma vez que a ópera é o melodrama em sua mais completa e radical expressão.

¹ Autor, ator e encenador (DRT 02716/SP). Peças encenadas: *Acertar é humano*; *Apertem os cintos*; *Os reis da voz*; *O caminho*; *Um amor de renúncia*; *Diálogos de luz*. Livros: *Livrinho!* (poesia – Ed. Autor); *O advogado de Deus* (teatro – Ed. Vida e Consciência); *Ombudsman* (Ed. Educator); *Brasil 500 Anos de mau atendimento* (Ed. Educator); *TAO – O Livro* (coautoria – adaptação de Lao Tse/Lagarto Editora). Site: <http://boboetra.blogspot.com>. E-mail: albertocenturiao@gmail.com.

Madalena arrependida

FOLHETINISTA: Narrador
HOMEM: Pai / Sedutor
MULHER: Mãe / Mãe
MADALENA: Filha / Seduzida

FOLHETINISTA: Era noite de natal.
Risos!... Por toda a cidade
Paz e alegria geral,
Sonhos de felicidade.

(Um casal idoso senta-se à mesa servida com a ceia natalina).

Apenas no lar de um honrado casal
Pairava uma sombra empanando a bonança.
Da filha perdida num dia fatal
Guardavam, agora, dorida lembrança.

Mas eis que, mais triste era a hora,
da ceia soturna, silente,
Presentem-se passos lá fora,
E alguém lhes percute o batente. *(BATE)*

(O casal interrompe a ceia, sobressaltado).

Quem seria, àquela hora?
Quem viria, em meio à neve?
Coração lhes pula fora:
Lembram dela: Deus a leve.

(O casal levanta-se e vai atender à porta).

Assoma-lhes ao umbral
A criatura andrajosa

Esquálida, branca, igual
Mendiga vil, desditosa.

(Entra Madalena).

MULHER: Pois não? Quem está aí fora?

HOMEM: Quem bate assim a esta hora?

MADALENA: Senhor, Senhora... piedade!
Um prato quente, eu vos peço.
Sabendo que não mereço,
vos peço, por caridade.

HOMEM: Dizei, pelos céus, quem sois?
Deambulando sem norte
Sem antes e nem depois,
Acaso sereis... a morte?

MULHER: Alguém sem eira nem beira,
Sem ter leito nem esteira?
Tão andrajoso esmoler
Será homem ou mulher?

MADALENA: Senhor, Senhora... caluda!
Por piedade, eu vos peço:
Dai-me apenas vossa ajuda,
Sem perguntar meu tropeço.

Sou pobre desventurada
Deambulando entre feras:
Virtude desperdiçada,

Sou refugio de outras eras...

FOLHETINISTA: Os dous velhos, num instante,
Aturdidos, certamente,
Lembrando a filha distante
Acolheram a indigente.

MULHER: Meu velho, acode aqui! Vem, depressa!
Ampara, antes que caia, a peregrina!

HOMEM: Caminha devagar, que tropeça...
Achega-te à lareira, menina.

(Conduz Madalena até uma cadeira ao lado da lareira).

MULHER: Uma terrina de sopa, uma côdea de pão,
Hão de aquecer-te por dentro, causar reação.

HOMEM: Tua sacola de trapos, deixai-me guardá-la
Pra que a terrina e a côdea, possais segurá-las.

(Madalena faz um gesto de recuo, agarrando-se à sacola).

HOMEM: Mas que receias? – Pilhéria...
Acaso temes que eu queira
Açambarcar-te a miséria,
Surrupiar-te a carteira?

Que guardas de tão valioso,
O que tens de tão sutil
Nesse embornal andrajoso,
Neste saco roto e vil?

(Madalena tem um momento de hesitação, abraçada ao embornal, depois toma uma decisão, levantando-se e entregando-o ao homem. Este, ao acolher aquele precioso fardo nos braços, percebe tratar-se de um bebê adormecido).

HOMEM: Mas o que tens aqui, afinal?
Carregas oiro ou cousas de França?
Pesa-te tanto assim, o embornal?
Deus do Céu!... Uma criança!

(Madalena volta-se para ambos e, com um gesto delicado, retira o capuz revelando-lhes o rosto).

HOMEM: Maravilha! / Mas não creio...

MULHER: *(Deixando cair a terrina de sopa e o pão).*
Minha filha! / Você veio...

(Um instante de hesitação, depois arrebatam-se nos braços uma da outra. Terminado o abraço, a mãe afasta-se da filha e olha demoradamente para a criança. Estende-lhe os braços, num gesto final de aceitação, tomando-a no colo. O pai abraça Madalena, beijando-lhe os cabelos).

HOMEM: Oh, filha, gentil criança!...

MULHER: Voltaste, enfim, desgarrada?

HOMEM: Sem ti, nenhuma esperança...

MULHER: Nossa vida é desgraçada.

HOMEM: Noite bendita e auspiciosa
Em que os cânticos angélicos
Trazem tais rostos famélicos
Pra minh'alma venturosa.

MULHER: Madalena, dize-me, sem rebuços,
Filha minha, donde andaste?

MADALENA: Poupa-me, mãe, teus soluços,
Se um dia já me amaste.

(Madalena começa a tossir).

MULHER: Nesta hora natalina,
Venha de lá um abraço!

MADALENA: Aceita, mãe, a menina,
Da filha que deu mau passo. *(Tosse).*

HOMEM: Filha minha, estás doente? *(Tocando-lhe a face).*
Estás febril! Sentes dor?

MADALENA: Não, meu pai, estou contente.
Tudo o que sinto é amor. *(Tosse e cambaleia).*

MULHER: Filha! Não, não fujas mais!

MADALENA: Minha mãe, eis tua filha.

HOMEM: Fica conosco! Não vás!

MADALENA: Ela – não eu – vossa filha...

(Madalena tomba fulminada aos pés dos pais).

FOLHETINISTA: A jovem degenerada
Devolveu aos pais senis

Na criancinha adorada
A filha que lhes faltara
Por seus erros juvenis.

Mas onde estará plantada,
Em que idade ancestral
Estará enraizada,
Esta trama entrecruzada
De tão bizarro final?

Fazendo o tempo andar atrás!...
Ah, velha máquina-memória...
Por certo sereis capaz
De compreender toda a história:

(Movimentos de regressão dos três personagens – Marcação ao contrário, até armarem a cena da encarnação anterior, em outro ponto do cenário).

De como a filha perdida
Foi vítima noutra vida
E a sua cruel vingança
Foi roubar uma criança.

Vede, distinto público,
Como mudam os atores:
Como, num gesto súbito,
Vivem, além, outras dores.

E a requintada trama
Do nosso folhetinista,
Que passa, do melodrama,
Ao estilo classicista.

(Cena da encarnação anterior. Madalena, ajoelhada aos pés do Homem, chora convulsivamente. Além, a Mulher, com a criança nos braços, sorri).

MADALENA: Senhor! Cruel que sois!
Por vossa honra, eu vos peço!
Eu vos suplico, Senhor!
Por Deus, não me abandoneis,
Retribuí ao meu amor!

HOMEM: Não é possível, senhora.
Minha palavra é sem volta.
Não insistais, por favor,
Compromissos assumidos
Não permitem nosso amor.

MADALENA: Mas Senhor, depois de tudo!...
De tantas juras de amor,
Dos sonhos arquitetados!...
Não posso sobreviver
Sem tais carinhos, negados.

HOMEM: Senhora, já não faleis!
Não há mais nada a dizer.
Ao nosso amor, fracassado,
Já não restam esperanças,
Está morto e sepultado.

MADALENA: A natureza humana, em seus momentos vários,
Alterna sonho e fúria, derrocada e glória.
Confesso, ousei sonhar, intentei voar sem asas,
Mas encontrei, por fim, o sabor da derrocada.

HOMEM: A vida é nau sem rumo em mar encapelado.
Quem pode, em sã consciência, ver o que virá
Nas asas promissoras deste amanhecer?
Senhora, nossa vida segue estradas várias.

MADALENA: A maldição dos justos, sobre a cabeça insana
Dos ímpios e covardes, desaba sem perdão.
A vida venturosa, que me negais agora,
Não há de ser fruída ao lado de ninguém.

HOMEM: Uma filha, senhora, é o vínculo carnal
Que a outra me aprisiona. Embora sem amor,
Sucumbo ao compromisso haurido em desvario,
Em noite de prazer fatal, tempestuoso.

MADALENA: Ai, que minha dor é insana! Mulher estéril!
Ventre incapaz de gerar, que sejas maldito!
Vade retro, besta imunda, e não retorneis!
Pra que de minha desdita não façais repasto!

(O Homem afasta-se de Madalena, que sucumbe em prantos. O Homem vai ao encontro da Mulher, que tem nos braços um bebê).

MULHER: Oh, meu senhor, por fim viestes. Por um momento
Julguei ter-vos perdido. Pensei que partiríeis
Em busca de aventuras, guardado em outros braços.
Mas não, senhor, aqui estais. Vede, não é linda?

(Mostra-lhe a criança).

HOMEM: Mais radiosa que a luz da aurora, de ouro e púrpura,
a espantar a noite e seus lúgubres fantasmas.

(Depositam a criança num cesto e afastam-se).

Voltei, senhora, voltei pra ficar. Vossos braços
Maternais, serão agora meu ninho e guarida.

MULHER: Funéreos pressentimentos me têm atormentado.
Acordo, à noite, naufragada em prantos, perseguida
Pela sombra maligna de um'outra mulher que, má,
por despeito ou por vingança, me vive a perturbar.

HOMEM: Tranquilizai-vos, amada. As sombras do passado
Não haverão de pairar sobre o nosso destino.
Aquela criança, doravante, há de ser,
Mais do que um elo entre nós, a razão de viver.

MULHER: Não sabeis o quanto tais benignas palavras,
Proferidas por vós, me vêm acalentar
Renovados escopos de felicidade,
Num futuro sonhado com esta criança.

(Madalena, sem ser notada, aproxima-se do cesto e toma a criança no colo).

FOLHETINISTA: Enceguecida de dor,
Desprovida de esperança,
A que perdeu seu amor
Sequestrou-lhes a criança.

MADALENA: Silêncio, menina. Quieta, não chores.
Deus do céu, que semblante esplendoroso!
Mas não, não posso fraquejar, por certo.
O meu plano terrível está feito,

Já não é hora para esmorecer.
Eu, que não posso aspirar-lhe ao amor,
Tomo-lhe a filha pra ser, doravante,
Sua presença em minha solidão.

(Madalena foge levando a criança nos braços).

FOLHETINISTA: Vingança cruel, traiçoeira,
da infeliz criatura,
Que lançou a sementeira
Da vindoura desventura.

(O Homem e a Mulher vão até o cesto vazio).

MULHER: Desgraça, desgraça! A criança sumiu!

HOMEM: Maldição, maldição! A vingança fatal!

MULHER: Contra frágil criança, vingança de quem?

HOMEM: Da mulher revoltada... quem mais há de ser?

FOLHETINISTA: O casal amargurado
Definhou, de tanta pena
Do anjinho sequestrado
Nos braços de Madalena.

(Homem e Mulher ajoelham-se, em desespero, junto ao cesto vazio. Enquanto prossegue a narrativa, o Folhetinista toma a criança dos braços de Madalena e a devolve ao cesto. Depois, Madalena desfalece-lhe nos braços e é por ele colocada entre os pais, reconstituindo a cena final do Primeiro Quadro).

FOLHETINISTA: Quase um século depois,
A história foi recontada:
Renasce, filha dos dois,
A mulher abandonada.

E depois de condenados
À solidão pela filha,
Os vilões regenerados
Recebem, que maravilha!

A criança pequenina,
A criatura serena.
Aquele meiga menina,
Dos braços de Madalena.

FIM

Submetido em: 05 fev. 2021
Aprovado em: 12 mar. 2021